



João de Araújo Correia nasceu na Casa da Fonte, em Canelas do Douro, concelho de Peso da Régua, em 1 de Janeiro de 1899. Seu pai, António da Silva Correia, era solicitador na comarca do Peso da Régua. Viúvo da primeira mulher, casou em segundas núpcias em Canelas, com uma senhora ainda aparentada com ele, Dona Maria Emília de Araújo, que lhe deu três filhos: Amélia, João e Maria Ana. Da mãe diz o escritor ter herdado a sensibilidade poética e do pai o gosto pelo método e por Camilo. O gosto por Camilo ter-lhe-á sido comunicado desde muito cedo: o primeiro livro que leu, aos sete ou oito anos de idade, era um romance de Camilo, os Mistérios de Fafe.

Quando João de Araújo Correia tinha cerca de três anos de idade, a família foi viver para a Régua, mas em 1913 regressou a Canelas, na sequência do falecimento de uma tia, Maria da Soledade.

Foi na Régua que João de Araújo Correia estudou as primeiras letras, e, após a instrução primária, Francês e Inglês, de que prestou provas no Liceu de Vila Real, em 1912. Concluída esta fase da escolaridade, e não sendo seus pais ricos, mas apenas remediados, como o próprio João de Araújo Correia conta, havia que procurar modo de vida. Não sentindo vocação para empregado comercial ou de escritório, ou mesmo para funcionário público, pediu encarecidamente a seu pai que o deixasse prosseguir estudos. E assim se fez. Matriculou-se na Escola Académica do Porto, onde concluiu o curso liceal em três anos de estudos. Aos dezasseis anos encontra-se a frequentar os preparatórios médicos na Universidade do Porto. No ano seguinte estava já na Faculdade de Medicina, mas teve de interromper os estudos, devido a doença grave.





Passou então uma longa temporada na aldeia, que aproveitou para ler, reflectir, observar a natureza e publicar os primeiros textos literários (alguns dos quais escritos ainda no Porto), em jornais de província e também no jornal O Mundo, de Lisboa, onde apareceram algumas crónicas suas.

Casa entretanto com Dona Maria da Luz de Matos Silva, natural de Poiães, localidade próxima de Canelas, em 1922, e, procurando meios de subsistência para a família que constituíra, retoma o curso de Medicina na Universidade do Porto, que termina em 1927. Ajudou a custear os estudos, fazendo-se professor do ensino secundário. Foram entretanto nascendo os seis filhos do casal: Maria da Soledade, Camilo, Rosa, Maria Emília, João Maria e Maria Virgínia.

Concluído o curso, veio exercer clínica para o Peso da Régua, onde levou uma autêntica vida de João Semana, ocorrendo com o socorro da sua ciência aos doentes que o chamavam de todas as partes do concelho e mesmo de fora dele. Muita da sua inspiração literária foi de resto colhida nesta sua actividade de médico rural. Ele próprio diz, em entrevista a Cruz Malpique, que «o bom João Semana, imagem que me acompanha na peregrinação clínica, auxilia-me a escrita. Fornece-me temas e, o que é mais, a observação da vida.»

Paralelamente com a vida de clínico sempre disponível para os seus doentes, João de Araújo Correia foi construindo uma sólida carreira de escritor, e acabaria por tornar-se um dos mais fecundos e notáveis contistas da nossa literatura.

Conforme ele próprio refere, começou a publicar contos e crónicas em jornais por volta dos vinte anos, mas só perto dos quarenta publicaria o primeiro livro: um volume de crónicas, Sem método, a que dá o subtítulo de “Notas sertanejas”, em 1938. No ano imediato sai o primeiro livro de ficção, os festejados Contos bárbaros. Os Contos durienses saíram logo em 1941 e a partir daí foi desenvolvendo uma actividade literária intensa, nos géneros conto, crónica e ensaio ameno, com uma incursão pela poesia (Lira familiar, de 1976). Foi também um estrênuo defensor da língua portuguesa, a que dedicou um notável volume de nótulas filológicas intitulado Enfermaria do idioma, de 1971.



São as crónicas, incisivas, atentas e geralmente bem-humoradas, e os contos, concisos e rigorosos, verdadeiros flagrantes da vida duriense, com a sua galeria de tipos humanos e a sua teia de relações e problemas, o terreno de eleição do escritor João de Araújo Correia. Nesses géneros deixou-nos obras-primas como Três meses de inferno, de 1947, Manta de farrapos, de 1962, Passos perdidos, de 1967, e Pó levantado, de 1974 (na crónica) e Contos bárbaros, Contos durienses, Terra ingrata, de 1946, Folhas de xisto, de 1959, e Montes pintados, de 1964 (no conto).

Faleceu em 31 de Dezembro de 1985, na sua casa da Rua Maximiano Lemos, na Régua, e está sepultado no cemitério de Canelas do Douro.

* * *

Abertas as novas instalações da Biblioteca Municipal Dr. Júlio Teixeira e inaugurado o Grémio Literário Vila-Realense, não resistimos a verificar se nos fundos das duas instituições haveria matéria, em particular livros, que nos permitisse descortinar uma qualquer ligação de João de Araújo Correia com Vila Real. Tarefa que sabíamos desde logo muito simplificada, dado que o escritor desde muito cedo acompanhou seu pai nas visitas ao irmão mais velho, que estudava no Colégio de Nossa Senhora do Rosário, de Monsenhor Jerónimo Amaral, tratando por tu o «comboio de Vila Real» e os diferentes alquiladores da linha Régua – Vila Real. Para além disso, feitos em Vila Real alguns exames, aqui vem regularmente (como dizia de Camilo, lembrando que o escritor, vivesse onde vivesse, não esquecia os seus amigos vila-realenses e visitava com alguma frequência Vila Real e Vilarinho da Samardã, terras da sua criação), vindo de Canelas do Douro a cavalo, usando o caminho da tia Constança, figura responsável pelo abastecimento diário do «saboroso trigo da Vila», referindo que «assim se chamou, anos e anos, ao pão de cada dia, que Vila Real deitava como bênção, todas as manhãs, aos povos de Panóias».

Mas o seu regresso faz-se sobretudo através da escrita, como veremos. (Na consulta às suas obras usámos, com apenas duas excepções, os fundos acima referidos.)





Em Sem método – Notas sertanejas, de 1938, João de Araújo Correia recorda, no capítulo VIII, um arraial no Jardim da Carreira em tempo de feira de Santo António. No capítulo XXVI, nova evocação da feira de Santo António (as festas de Vila Real), o Campo, os cavalos e os burros, substituídos já nessa época pelos automóveis: «Feira de automóveis. Competição de marcas. Concurso de velocidades. À noite, os corredores, em mangas de camisa, ainda alucinados, bebem champanhe, falam calão, gingam.» No capítulo LII, a vista de trás do cemitério e a sombra de Camilo que o persegue em toda a visita a Vila Real. No capítulo LXI, com pretexto num tasco onde come, no Campo, referência às alheiras e ao vinho de Vila Real.

Em Manta de farrapos, de 1962, na crónica «Noite de barro – Noite sagrada», recorda uma consoada em Vila Real, no Zé Garoto, alcunha de José Liberato, antigo vendedor de jornais e à época proprietário do Hotel Mondego.

Em Ecos do país – Crónicas dispersas, de 1969, lembra, na crónica «Sete colheres de açúcar», o seu primeiro café, tomado no Café Tocaio e, com pretexto nele, de novo o Campo e arredores em dias de feira antiga, «com muito cavalo, muita mosca, muito morango, muita batota, muita bazófia e muito pastel de massa folhada».

Em Enfermaria do idioma – Crónicas dispersas, de 1971, refere-se, na crónica «Vozes regionais» a uma pronúncia regional peculiar em alguns concelhos a norte do Douro que faz com que em Vila Real, por exemplo, se diga «Rua Avelino Patana» em vez de «Rua Avelino Patena».

Em Palavras fora da boca – Miscelânea oratória, de 1972, numa conferência intitulada «Camilo em Vila Real», proferida a convite do Rotary Club de Vila Real, integrada nas comemorações do 7º Centenário do 1º Foral de Vila Real, confessa que her-

dou de seu pai o amor a Vila Real e diz: «conheço Vila Real desde que vim ao mundo.»





Em Nuvens singulares – Crónicas dispersas, de 1975, lembra, na crónica «Púcaros de Bisalhães», uma figura típica da Régua, a Fareleira, que no Outono vendia castanhas assadas numa panela de barro preto muito provavelmente de Bisalhães, terra onde João de Araújo Correia nunca estivera, até que um dia veio ter com ele «uma oficina de Bisalhães», sob a forma de filme amador. Na mesma obra, na crónica «Friúme, Samardã e Ovar», nova evocação de Camilo, da casa de Vilarinho da Samardã e sobretudo do Padre Luís Castelo Branco.

A esta figura de sacerdote volta em Pontos Finais – Dispersos, de 1975, num texto intitulado «Morreu o Padre Luís». Ainda neste livro, aparece um texto sobre Custódio José Duarte, em que recorda este médico e escritor, nascido em Vila Real, irmão de Manuel Duarte de Almeida e, como este, poeta da revista A Grinalda, e que viveu e morreu em Cabo Verde, tendo pedido à família que, após a sua morte, fossem deitados ao mar os manuscritos existentes num cofre – vontade que foi respeitada.